

Antonio Fabricio Sa Silva

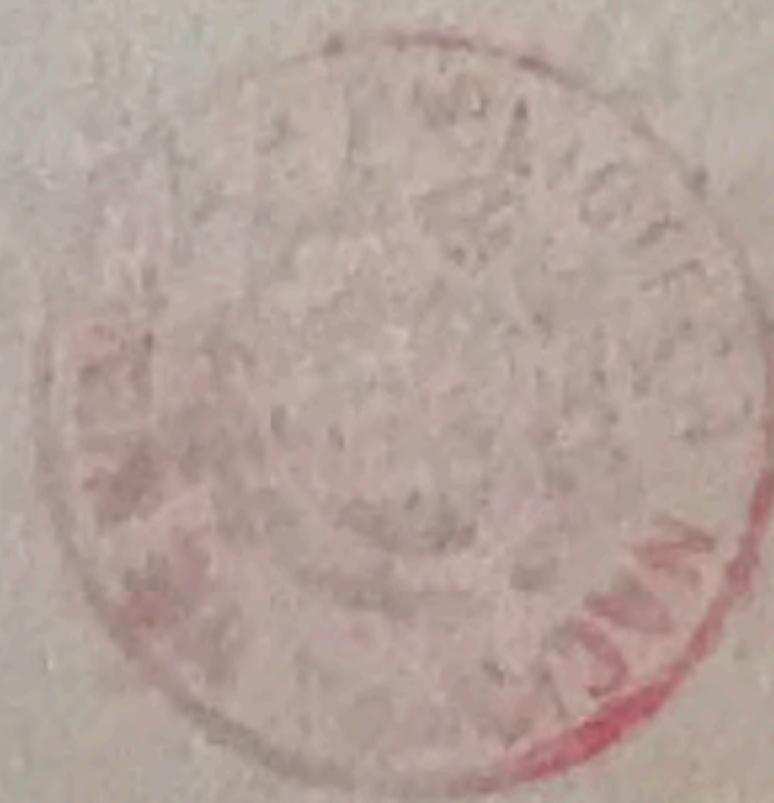
Edimburgo 17/3/25

# tríptico



arte  
poesia  
crítica

5



## BALADA DA PRIMAVERA E DA JUVENTUDE

**P**rimavera!... Primavera! .. É ela que chega, coroadada de rosas, enfiada de grinaldas, como na « Alegoria » de Boticelli!

Andam canções de amores e desejos, silenciosas músicas dionisiacas, de ressurreições e de triunfos, dissolvidos no ar, à mistura com perfumes estonteantes!

— Vem tu daí, oh minha encantadora Cloë que o sol esculpiu! oh minha Musa frágil, humana e real de carne e osso! Ao pé de ti, eu tenho sempre dezoito anos!

Eu que, às vezes, julgo ter sessenta, e que, a miúdo escureço a existência de amargos desalentos e pessimismos senis! mas que a enterca-lo também de frémitos doidos, de garrulices matinais de cotovias, arvéloas ou criancinhas pequenas!

Vem! tu és daquelas que sabem fazer-nos esquecer do que há de cruel e de estúpido, de absurdo e de trágico e, sobre tudo, do que há de antipático no mundo, para que fiquemos a sentir a vida como uma clara canção de espuma, bebida na corola duma flôr!

Sim! Tu consegues abolir a tragi-comédia social, destronar a gravidade, desprezar as falsas categorias, quebrar as pesadas cadeias que a mentira forjou, — tu, tão caprichosa e frívola!

É que a tua frivolidade é transfiguradora e maravilhosa, e vale mais um teu sorriso do que tôda a vã petulância e fátua consideração de todos os mandarins e conselheiros do orbe!

— ¿E tu, oh minha divina Beatriz ideada em alma, oh minha Musa ideal, perfeita, saudável e inexistente! que és, em imagem feminina e graça pura, essa ância de absoluto que a minha alma guardou, ao tombar do céu?!...

Quando tu vens, eu já não tenho idade! Eis-me liberto do tempo, a viver, por uns segundos, o eterno extase dos que contemplam a face do Senhor, embalados pelos coros dos anjos!...

— Primavera!... Primavera!... Ouço-a cantar, numa deliciosa perturbação, no meu sangue e na minha alma!

E sinto em mim um excesso de alegria e um excesso de sonho, que anceiam por comunicar-se!

É a minha juventude que se exalta, à passagem das brizas primaveris, prenhes de músicas e aromas, que a desafiam e encrespam!

Primavera! Juventude! — excesso de vida, exuberância de seivas, ligeireza e graça de movimentos, opulência de côr e de sonho!

E este excesso que aquece o meu sangue e dilata a minha alma, deseja transbordar, mas exige convívio activo, livre e harmoniosa sociabilidade!

Necessito dar-lhe o que me pede, sob pena de que se rebele, e me prostre de inação e desalento.

A tristeza e até mesmo o desespero podem resultar dum excesso de exuberância e juventude inaplicadas.

— ¿Quantas criaturas vivas e ardentes sofrem e adoecem da dificuldade de se comunicarem, ou da maneira, passiva e fria, como as outras criaturas correspondem aos seus « élans »?! Vidas de fogo que anceiam por sair de si mesmas, mas que, vendo-se cercadas de gelo, voltam a retrair-se sobre si!

Mas vinde vós também daí, os que sois jovens de coração e de espírito! Quero dar-vos da minha alegria e do meu sonho, e compartilhar também da vossa!

Sacudi os conselhos e a influência das pessoas graves e prudentes em demasia, e vinde! Porque, olhae — quero dizervos-lo — « a gravidade é um mistério do

corpo inventado para encobrir os defeitos do espírito » (1). Assim a definiu um moralista.

E trazei convosco, os que as tiverdes, as vossas noivas e namoradas, e celebrémos todos, com a minha amada e encantadora Cloë, a Festa da Primavera e da Juventude!

A presença das donzelas desenevoa o coração e os olhos, e revela aos nossos pensamentos o segredo das linhas persuasivas e músicaes.

A mulher deve representar, ao lado da vontade criadora do Homem, empenhada na lucta pelo império do espírito sobre a matéria, — a Graça inspiradora ou a Formosura, que « não é outra coisa que o império da forma sobre a matéria ». (2)

Trazei pois, as vossas noivas e namoradas!

(Só a minha adorada e divina Beatriz não tomará assento entre nós... porque não é deste mundo! Bem pode ser que nos acompanhe do alto, em presença espiritual!).

Mas que venham apenas os verdadeiros jovens! (São bem mais raros do que se imagina!).

Conheço tantos homens que têm e tiveram vinte anos, e que não sabem o que é a juventude! Outros que não conhecem senão uma juventude incompletíssima e grosseira — a juventude dos instintos brutais!...

Cuidado também com aqueles que, no intuito de parecerem jovens, se põem a fazer pinchos, cabriolas e esgares de macacos, pretendendo que ninguém as tivesse feito antes deles! Fingem desconhecer a sua ascendência, e não desejam mais do que serem notados.

Notai-os se quizerdes (talvez seja caridoso contentá-los), mas não acamaradeis com eles!

Todos êsses, que se não aproximem! Desintender-nos-íamos, e a nossa Festa, em que deve celebrar-se religiosamente o mistério da Harmonia, seria maculada por êles. Em compensação, devemos abrir alas a todos aqueles que, aos quarenta, cinquenta ou sessenta anos, guardam a juventude do coração e do espírito.

— Camaradas, façamos destes nossos Mestres!

— Celebrémos, Camaradas, a Festa da Juventude!

Vêde como a terra e os céus a celebram! Como se vestem de galas, florescem e iluminam!

A Primavera é a juventude do mundo, eternamente renovada, de ano a ano. A Juventude é a perecedora e fugidia primavera do homem.

Pois vistamo-nos também de galas, floresçamos e iluminemo-nos também nós!

Vêde como as aves a celebram: como desferem nos ares as curvas dos seus vôos, ébrios de azul! e como se desentranham em melodias contentes e luminosas!

E olhai as águas, como cantam ligeiras e transparentes.

E o vento como tira da sua fruta os sons mais doces, cariciosos e brandos! E as borboletas como bailam, tontas de luz e arômas!

Pois voêmos e cantemos nós como as aves, corramos descuidados também como as águas, e bailémos como as borboletas! e como o vento e tirémos das nossas frautas os mais doces, mais limpidos e amorosos ritmos!

— Celebrémos, Camaradas, a Festa da Primavera e da Juventude!

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.

(1) La Rouchefoucaud.  
(2) Manuel Bernardes.

## O MÊDO DAS SOMBRAS

*Rondam sombras pelas telhas.  
Não é vento! São andanças  
Das bruxas! As bruxas velhas  
Chupam o sangue às crianças.*

*A mãe dorme, a filha ao pé,  
Em casa de télha vã  
Onde nem há chaminé.*

*É de interiores deserta  
É toda uma casa aberta  
A chuva e sol da manhã.*

*A filha diz para a mãe  
Como a mãe responde à filha,  
Por que este drama não tem  
A mais do que mãe e filha:*

— Mãesinha ¿ que é, — que é!?

**N**em vento, nem lua cheia,  
Nem sombra que se dê fé  
De algum morrão de candeia.

— Mãesinha ¿ que é, — que é?!

**N**ão luz vidro no soalho,  
Nem há lume de tição,  
Está a gatinha ao borralho.

**O**h, dorme, meu coração,  
¿ Susto, filha, não te dê!  
A água do bebedeiro  
Espêlha luz que se vê.

**L**ongue vá o mau agoiro,  
¿ Benza-me a luz que nos olha,  
Quem não existe, não é!  
O pucarinho de fôlha  
Lá está no mesmo pé.

— **P**ela télha destilhada,  
Minha mãe, minha mãesinha,  
¿ Voar negro de andorinha  
Com risos de gargalhada!

**A** água da bica lá fóra  
Corre, corre que se chora,  
Filha minha, ¿ não tens sêde?

— **C**omo peixinhos na rêde,  
Sombras, ¿ ó mãe!, na parêde.

**N**ão é nada, não é nada.  
¿ Buraco da fechadura!  
Em rosa de luz coada  
Será a luz da madrugada  
Que vem em nossa procura.

AFONSO DUARTE.

## VISÃO

**D**esconheço a matéria de que és feita,  
Que mão febril, teu corpo modelou;  
Minh'alma, ao pressentir-te, insatisfeita,  
Como as ondas do mar, se alevantou!

**O**h femenil visão, clara e perfeita,  
Que o meu olhar profano, dissipou:  
Névoa, que a luz do alvorecer, enfeita,  
E o hálito da aragem, dispersou!...

**A**ndo no céu, na terra, a procurar-te,  
Para meu coração todo entregar-te,  
Para beijar o rasto dos teus pés...

**M**as quanto mais minh'alma te procura,  
Mais teu vulto se perde na fundura,  
E por ti morro, sem saber quem és!...

Coimbra, 1924.

FAUSTO DOS SANTOS.

## LOUVOR DA ÁGUA

**C**ais da bôca da fonte para o chão  
e desces, nunca tens outros desejos...  
Chama-te a sêde ao limiar dos beijos,  
corres depois direita ao coração.

**N**uvem do céu às garras do destino,  
viêste à terra amaciar montanhas  
e a terra chorou-te das entranhas  
e vestiu-se de inverno, ó desatino!

**I**magem da humildade e da ternura,  
e da violência tôrva e da loucura  
da vida — que a vida é tudo isto...

**Ó** mais humilde! — « Os últimos primeiro... »  
Desces ao barro, à lama. Em mãos de oleiro  
és figura de Buda e Jesus Cristo!

BRANQUINHO DA FONSECA.

## QUIMERA

**Q**uisera ser luar doirando os ninhos,  
E baixando o olhar doce sôbre as eiras...  
Ter a doçura branda dos arminhos,  
Humilde como as águas das ribeiras.

**P**ranto das despedidas derradeiras,  
Ou orvalho caindo nos caminhos:  
Viver no lume quente das lareiras  
Para aquecer os pés aos pòbresinhos.

**A** alma da noite... duma fonte... um éco...  
Dobres dum sino ao longe... um galho sêco  
Para depois ser fumo pelos céus.

**A** bruma que se esvai nos horisontes...  
Uma árvore — quisera ser — dos montes  
De braços sempre erguidos para Deus!

Beira Baixa, 1924.

JOSÉ CRESPO.

# M A R I A M A D A L E N A

**A**charam-no morto no banco de pedra, a boca e os olhos abertos. No chão, um rôlo de pergaminho estava desenrolado neste ponto:

« Atende-me, Senhor, com presteza; o meu espírito desfaleceu.  
« Não apartes de mim a tua face... »

Vieram carpideiras, vieram tocadores de flauta, fizeram-se grandes prantos. E o velho lá ficou perfumado de aloés, enfaixado em linhos brancos, de pé no seu largo sepulcro aberto na rocha. Maria, Lázaro e Marta estavam orfãos. Lázaro era honesto e severo, Marta laboriosa e púdica. Maria começou a aborrecê-los. O seu temperamento desabrochava, exaltado e nebuloso. Fizeram-se mulher muito cedo; e era tão bela, que a sua beleza inquietava os irmãos. Os moços nobres de Jerusalem vinham muitas vezes até Bethânia, montando os seus cavalos sírios. Usavam longos brincos nas orelhas, o cabelo caía-lhes nos ombros em cachos frisados, e alguns pintavam-se como prostitutas. Maria sorria-lhes, de passagem; mas pouco atentava nêles. Enamorara-se do seu próprio corpo, e só a sua formosura a preocupava. Comprava os aromas e os tecidos mais caros. E passava dias inteiros estendida no seu leito de peles, entre almofadas de panos fenícios, vestida de gala como se esperasse um rei. Isto irritava Marta e enfurecia Lázaro. Então, apesar de mais nova, ela tinha para os dois respostas sibilinas e altaneiras. Nada a satisfazia. As crises de paixão, de entusiasmo, de desânimo, de exaltação, de desespêro, sucediam-se nela sem causa aparente. E cada vez se fazia mais enfasiada e mais lânguida, tomando por grandes desenganos as pequenas desilusões da sua vida.

Nas tardes mornas, quando o ar é como um bafo amoroso, subia ao terrado a tocar cítara. Às vezes consentia que uma escrava negra a seguisse. A negra lembrava-se da sua pátria longínqua, e dizia-lhe histórias de monstros divinos. A sua voz tremia de lágrimas afogadas, como uma corda ferida pelo tocador... Maria punha a cítara de lado, sonhando com outros mundos e com outros sêres. Depois, com um gesto cansado, despedia a escrava. Era a hora em que a lua surgia, vermelha e fúnebre como um sol ressuscitado. Pequenos rumôres esmoreciam ao longe: o tlintar dum rebanho, uma voz fugindo, latidos de cães, um grito perdido. Como que se fazia uma suspensão em tudo. E na primeira absorção do luar, parecia ver-se a paisagem atravez dum vidro esmaecidamente azul. Prêsa dum longo devaneio, Maria esquecia-se a olhar. Como o seu pensamento, os seus olhos passavam e repassavam sobre coisas já bem conhecidas. Sonhos mórbidos lhe bailavam na imaginação. Vagas melancolias acudiam de muito fundo. Mas com tal paixão ela procurava gosar o seu próprio abandono, que nada chegava a tomar corpo no seu espírito vagabundo. Então, um pormenor bastava a entretê-la horas inteiras: Escutar o sussurro duma água invisível; seguir a linha luminosa que vincava ao longe o desenho das serras. E um delicioso cansaço a prostrava. De face nas mãos, tôda ela se dispersava como um fumo. Só então era feliz.

Outras vezes, tocava. Ia improvisando, e os seus dedos inconscientes exprimiam coisas profundas. Sem querer, ela começava a reparar na sua própria música. Os sons esmoreciam, reanimavam-se, perseguiam-se, arrastavam-se — e ela

tinha a impressão de ser uma estranha quem tocava. Mas como tôdas as suas angustias choravam nessas notas, acabava por soluçar sobre a cítara. Quando não soluçava era pior: Uma bola de aflição lhe subia á garganta, sufocando-a. Ela deitava as mãos ao seio, e rasgava a túnica com as unhas. Uma noite, Marta veio encontrá-la assim: Abalada de espasmos, beijava furiosa o braço rijo e frio como o duma estátua. Lázaro quiz então casá-la. Um homem de Galaad, que enriquecera no comércio dos aromas, adoecera por ela. Desesperado da sua recusa, um mercador da Galileia enforcara-se numa figueira. E pretendiam na outros que tinham tesoiros em arcas de cedro, e outros que tinham poder junto dos Grandes, e outros que só tinham a sua mocidade e o seu desejo. A todos Maria se recusou, pretextando que não nascera para espôsa. Então, perdido, Lázaro disse-lhe como as mulheres de Bethânia a julgavam, acusando-a de continuar a espicaçar o desejo dêsses que recusava... Ela ouviu-o calada, lívida, com um sorriso tremendo nos lábios brancos. Aquele sorriso desesperou-o: Agarrando-a pelos ombros, com a cara sobre a dela, o irmão perguntou-lhe qual era, afinal, a sua vocação, visto não ser a de espôsa... Mas largou a logo, vendo-lhe o sorriso transformar-se num esgar. Desamparada, ela atirou-se ao chão em gemidos, esfarrapando o vestido com a espuma na boca; até que ficou pálida, fria, com os dentes cerrados, os cabelos soltos, o seio nu, e tão bela que o irmão desviou os olhos. No dia seguinte, Lázaro e Marta combinaram leva-la a um tal Azôr, da seita dos Essênios, que vivia nas margens do Mar Morto e tinha o poder de expulsar os demônios. Esperaram, no entanto, vendo-a mais doce e mais activa. Corria agora todos os cantos da casa, demorava-se no jardim com as flôres, chegava a querer imitar Marta e ajudá-la. Sorria e falava com meiguice. Mas como o seu sorriso era forçado, e a sua meiguice rebuscada, Lázaro e Marta adivinharam o seu violento esforço sobre si mesma.

Certa manhã, não apareceu á hora costumada. Receando que ela estivesse doente, Lázaro subiu a bater-lhe à porta do quarto. Ninguém respondeu. Bateu forte, mais forte, e acabou por forçar a porta: Numa lampada de barro, uma luzinha mortíça expirava; e uma túnica azul ficara esquecida, as grandes mangas abertas, sobre o leito ainda intacto. Lázaro compreendeu que Marta fizera mal em chorar tão alto, porque já os vizinhos acorriam a indagar. E atormentado de suspeitas, correu o pomar e a horta, subiu ao Olivete, interrogou, na certeza de não ter resposta, as raras pessoas que encontrou nas paragens de caravanas, desceu a casa duns parentes de Betphagé, — ninguém soube dar-lhe novas de Maria. Não dormiu tôda a noite, a ouvir Marta chorar baixinho; e antes do romper de alva, partiu para Jerusalem. Quando voltou, pela hora duodécima, os amigos e os vizinhos esperavam-no a saber novas de Maria: Mas as mulheres, disfarçando os sorrisos, cochichavam zombando. Então, como se Maria fôra morta, arrojou-se ao chão e roçou a testa na poeira lastimando-se em altos brados. E Marta, compreendendo-o, arrancou as sandálias e rasgou a túnica. Durante duas semanas, andaram vestidos de saco por Maria. Mas todos sabiam, ao fim das duas semanas, que Maria vivia em Magdala, ao pé da cidade pagã de Tiberíade, e que já na Cidade Santa, corria a fama do seu leito de cortezã.

(Final dum capítulo).

JOSÉ RÉGIO.

# S É L V I A

**P**esa-me viver. Se neste momento me lançassem uma corda ao pescoço deixar-me-ia enforçar. Não sei se é a chuva que cai incessante lá fora e vem escorrer molemente nas minhas vidraças que me comunica esta sensação de aniquilamento. S. Cristovão, de longas mãos e trabalhosa vida, sinto o Mundo sobre os ombros e as lágrimas dos homens velando-me a face. A impiedade de Deus magôa-me como se fôsse unicamente eu que lhe sentisse a impiedade. Se me debruço da janela para o meio da noite penso que bastava inclinar o corpo para seguir a trajectória da água que cai e penetrar o abismo do negrume que me rodeia. E, quem sabe? Talvez eu não tombasse como a chuva e no espaço me quedasse fugindo às leis da gravidade e da Vida! Porque serei igual a tudo? Igual à água que desce do céu, às pedras que rolam das montanhas e às minhas próprias lágrimas? Aperto o craneo nas mãos com vontade de o esmigalhar ao mesmo tempo que figuro o silêncio sepulcral que a morte me traria. Só um choro flébil persiste em chegar-me aos ouvidos. É Sélvia que chora sobre o meu cadáver, de cabelos desgrenhados e os olhos como duas estrelas brilhando na escuridão. Tenho a certeza que nem o péso da terra, nem a voracidade dos vermes, no fundo da cova roendo-me as entranhas, extinguirão a luz de seus olhos nos meus. Atravesso o Mundo com desespero de menino perdido num bosque onde há ladrões. Atônito, paro de momento a momento olhando a sombra que me acompanha e na qual pressinto o mistério da própria criação. Ensanguentam-me o corpo o cardo agreste e a silva daninha, e, assim, minha carne ensanguentada faz lembrar a do Nazareno. Cristo é a imagem da humanidade sofredora. Todos temos os braços pregados na Cruz, porquanto todos subimos a ladeira do Calvário.

— Sélvia! oh Sélvia! voluptuária e inconstante amiga, és tu, afinal, quem caminha contiunadamente na minha memória! De tua inocência de ave singularmente pecadora nunca te apercebêste. Mal sentiste os seios aflorar, como ondas que viessem crescendo de remotos mares, e miraste, em teu pequenino espelho a flor especiosa da tua cabeça, pensaste que tudo isso belo em ti não era teu, senão de quem o desejasse. Sonhaste-te lindo fruto sazonado à luz do sol, depois de teres sido flor, semente, nada, e esperaste que alguém viesse colher-te, perturbado de tua fragância e suavidade. Inconscientemente, pecaste. Não é que fôsses, à semelhança da tua mãe Eva, perversamente curiosa; fôste antes perversamente ingénua. Enquanto ela interrogou de olhos pecaminosos: qual a árvore do bem e do mal?, esperaste tu que alguém te dissesse: eis o que de há muito procuravas! Esse alguém não fui eu, não! Nem mesmo quizera sê-lo! Sou tímido como donzela tímida. As mulheres, surgem-me envôltas em religiosidade, arcas fechadas pela mão de Deus. Tocá-lhes é tocar na própria substância divina, violar a natureza mesma do criador. Antes que meus beijos te caminhassem a face e te sorvessem a bôca, já tua bôca e tua face conheciam o sabor dos beijos. Eu fui, para teu ser andrógino, a metade ausente. Platão já me havia dito que eu era parte duma outra parte que comigo faria o todo. Ainda me lembro do espanto pintado em teu rosto naquela noite em que pela vez primeira nos encontrámos. Seguia eu cabisbaixo, consoante meu costume e a vontade da chuva que caía, numa noite assim, quando, à luz dum candieiro, vi uma mulher que se debatia desesperadamente tentando evadir-se duns braços que a chamavam para si. Corri em seu auxílio, sem bem saber o que fazia, e após breve luta, tinha-te junto a mim (porque

essa mulher eras tu), chorosa e agradecida, meio tímida e de olhos tão abertos que me pareceram dois poços fundos cheios de água, dessa água que caía do céu sobre nós dois. Minha pobre Sélvia, bem te recordas com certeza das horas que seguiram nosso encontro, no silêncio do meu quarto. Muito quieta, a um canto, fitavas-me estranhamente como se me conhecesses mas não te lembrasses de onde. Não me conhecias, não! Adivinhavas-me sómente. Tanto que, ao depois, mal trocamos o primeiro beijo, disseste, quasi suspensa:

— Parece que todos os beijos que tenho dado eram o caminho para este beijo; as bôcas dos outros, caminhos para a tua bôca. Que eu nunca beijei, fui sempre beijada!

Como vez, Sélvia, tuas palavras quedaram gravadas dentro de mim, como o sinal da tua cabeça gravado ficou em meu peito! Lembro tua história contada ao diante logo que minha afabilidade te tocou o coração. Havias, no espelho, procurado compor o cabelo revólto, e, com gesto muito teu, alinhado o desalinho dos vestidos. A tua história! Oh! Afinal a tua história era igual a tantas que ouvira contar! Maria Madalena tu fôste, fugindo de casa de teu pai, sem mais que a formusura do corpo e destino de perdida. Porque desconhecias os caminhos do Mundo, seguiste qualquer. Se te pediam beijos, deixavas-te beijar, adivinhando nessa deliciosa prática a visinhança do fruto proibido; até que um dia tragaste a maçã apetecida. E não mais fôste senhora do que era teu! Tirante leves caprichos de sensibilidade, entregaste-te a quem te desejasse sem nisso achares mór prazer do que o prazer único de te dares. Sélvia! Sélvia! não posso lembrar mais tua história! Sei, apenas, que te quiz e te entregaste a meus desejos de homem casto como as águas dos rios se entregam ao mar. Eras dócil como a cêra, e, eu, forte como o sol. Porém, como um dia teu orgulho se exaltasse ao presumires ser minha fortaleza, fortaleza de Senhor, e tua docilidade, docilidade de escrava, partiste. Voltaste, ao depois, compungida, encontrando meu coração fechado à sete chaves. Nem teus rogos e lágrimas de penitência me boliram as entranhas. Desiludida e pesarosa nunca mais vieste chamar à minha porta e hoje sófro de te haver perdido. Não é amor nem ressentimento isto que sinto. É um pesar enorme que se apoderou de mim. São, talvez, remorsos... Jamais minha bôca se queimará nas labaredas da tua e jamais terei socêgo e paz. Nesta noite de inverno em que chove desabaladamente dum céu sem estrelas sobre uma terra de lama, sinto-me desfalecer, como se eu fôsse a própria Terra e tôda a chuva caísse sobre mim. Vejo-te recolhida nalgum portal de igreja, de cabeça entre as mãos, chorando como uma criança. Não! Não posso pensar no que sofres nem no que virás a sofrer! Esta ideia aterra-me!

.....  
Claridade! Um relâmpago atravessou o negrume da noite iluminando as casas fronteiras, que, hirtas e silenciosas me pareceram surgir da mesma luz. Julguei-me só com Sélvia no mundo, e, num instante, a luz dissipou-me essa ilusão. E daí, quem sabe! As casas que um momento me apareceram nos olhos já não existem. Tudo nasce e morre no mesmo segundo! Nem Sélvia pertence mais a esta vida, não passa duma alucinação! Só meu coração bate e eu sou o único homem na face da Terra!

JOÃO GASPAS SIMÕES.

---

Neste número, publicamos um desenho de Teles Machado, em separata.

No próximo número publicaremos colaboração de poetas galegos e um desenho de Alvaro Cebreiro.

---

## D. Sebastião, por Antero de Figueiredo.

**D**iz-se que ao lado das plantas venenosas há sempre, por sábia indicação da natureza, outras que lhe combatam o efeito deletério. Não é bem o caso do *D. Sebastião* e do *Desejado*; sim, o livro do sr. Antero de Figueiredo não é precisamente um veneno, o que não quer dizer que o do sr. António Sérgio não possa ser utilizado em espíritos facilmente atacáveis pelo primeiro. Nasceu, e a par nasceu o preciso coeficiente de correcção; e já daqui se tira a desnecessidade de tóda a rica prosa pelos jornais desbaratada em laudatórios e ataques: a crítica está feita e bem feita no prefácio e notas do *Desejado*.

Parece, assim, que me estou condenando ao silêncio e que esta minha posição de anotador fruste é, além de ilógica redundante. Parece, mas não é. Primeiro porque eu não podia separar dum as observações feitas ao outro livro, segundo porque me é grato êste desacorde a coisas que li e ouvi sobre o *D. Sebastião*. Não é apenas o prazer de patear e destruir; é possível que, como os outros, eu esteja iludido com um conceito que julgo objectivo, mas pois entendo ser agora mais que nunca preciso essa « coragem de afirmar » que tanto faltou ao Raposo da *Relíquia* é que me não julgo fóra do dever dizendo o que penso.

Pois êste D. Sebastião quasi que teve depois de morto uma Alcácer-Kibir maior que a de Africa: sempre aos tombos, empuxão daqui e era um nevropáta perigoso, empuxão dali e era um místico e lendário heroi. Em síntese não passa dum ponto final de dinastia, um borrão de tinta vermelha caído ao fundo duma página. E assim que no-lo mostram os factos passados e enquanto os valores científicos se não invertem e a concepção homérica da história seguida pelo sr. Antero de Figueiredo não desalojar os actuais quadros críticos, temos de nos servir dêles. Nem a loucura do rei é contestada pelos seus Magriços, êles todos confessam (que pelo dizer dos testemunhos da época e outros, a figura do heroi perde as névoas da lenda e fica, realmente, desequilibrado, impetuoso e irrefletido, agressivo e petulante, megalómano até ao extremo. A crítica definitiva, a fazer-se, ao *D. Sebastião* teria que ser dividida em duas partes: destrinchando e analisando as ideias expostas no prefácio, ver depois como elas foram materializadas no texto e se nele entra a prometida quantidade de história, vida e arte. Bem deitadas as contas só o prefácio interessa a valer; o resto é consequencia e, como até em parte a introdução, conhecida de livros anteriores; é a mesma prosa, com as características já por vários traçadas e estudadas, e onde falta precisamente o que lhe daria valor: a vida. Não há vida, há talvez beleza, alindamento, pôr em fóco belas scenas por outros relatadas, mas tudo metido em ficção, em fraseado retorcido e reprocurado. Que a prosa no modo de ser do sr. Antero de Figueiredo faz dos seus pseudo romances quadros muito vistosos tendo por assunto scenas antigas: vê-se que o quadro é de agora pela tinta estar ainda fresca e a moldura ser

de nogueira fingida, mas é morto e menos sugestivo que alguns artistas do tempo. O seu livro não será talvez uma « simples história narrativa », mas não lhe falta tudo para ser « um falso romance histórico ». De resto, não se preocupa com isso, pode mesmo chegar à beleza sem pôr pé na vida, que é a realidade, pois as suas composições são feitas como segue: « presente sempre o comentário pessoal, que busca ler fundo nas raízes das almas e das coisas (?) e, sobretudo com o espírito em vibração estética, instalamos no mundo das revelações *balouçando-nos entre a fantasia e a verdade* ». Donde se conclue que, excluída do seu plano, por importuna, a objectividade crítica, pairando na tremulina da vibração estética a descrever factos onde não caiu um pó de beleza autentica, o livro sai o que se quizer, o testemunho e a dedução lógica nada têm de ver com o caso e das descrições lidas aproveitam-se as que marquem um traço de arte a aproveitar. Balouça-se entre a verdade e a fantasia e como, quando se começou a balouçar, arranjou por qualquer processo uma adequada vibração estética, está-se a vêr que, pôsto no facil balouço de entre fantasia e verdade, não hesitará em conservar a vibração à custa da fantasia. É racional, desta vez. Prefere, e apenas pode preferir, à filosofia da história a poesia da mesma; mas vai de tal arte a defendê-la que parece não querer destruir o inimigo, mas substituir-lhe uma nova concepção: onde está crítica pôr arrôbo místico, onde está documento pôr inventiva. Se erramos, é por bem querer deduzir, pois lá se diz ser o livro « um trecho de *história* pôsto em arte ». Ora se admite a história tem de lhe admitir um processo de construção, uma trama ideológica, uma filosofia, portanto: e essa não é senão a que fica indicada.

As suas *temíveis* críticas à actual concepção da história são velhas de séculos e saltam ao espírito após a primeira leitura racionada do primeiro livro do género. Estão contudo, refutadas desde a altura em que apareceram; pode ver-se isso em qualquer manual de propedeutica histórica, não vale trazer aqui o caso. Além desta defeza da Filosofia Poética da história, há no prefácio e inunda o livro a defeza não filosófica mas poetica de D. Sebastião. Diz uma coisa acertada: que é um rei singular. De facto, e as características da singularidade estão criticamente expostas, segundo os documentos, na carta que antecede *O Desejado*. Naturalmente, o sr. Antero de Figueiredo, como não admite a sciencia da história, não admite a sciencia da medicina e refuta os caracteres anormais do rei, não porque traga à baila novas teorias patológicas e psiquiátricas, mas porque êles são « opiniões aviltantes cuspidas na memória deste bravo e galhardo espírito! ». É amável, sem duvida. Ainda mais haveria que anotar, especialmente a sua original concepção do heroi, ao invés do que até aqui se cuidava, « feito de belezas e defeitos, de teimas obstinadas e de acertos admiráveis... toques de desvairo... rebentino vento de temeridade a açular os ânimos » quando se julgara que os caracterisava a ideia consciente, repensada, posta em acção de modo fulminante, mas porque sabiam por *a* mais *b* que lhe competia tal resultado. A não ser que viessem os imponderáveis, mas para êstes parece

não se ter ainda descoberto *medida*... O que os herois arranjam, e mais não podem são as condições e exactidão do mecanismo acionante, se os imponderáveis vieram bem sei que tanto faz ser heroi como louco, mas o êrro está em admitir como imponderáveis nas acções dos loucos factos que, logicamente, seriam previstos pelos herois verdadeiros.

O heroi talhado pelo molde do sr. Antero de Figueiredo aproxima-se imenso de certas figuras de degenerados e mais uma vez não percebemos porque se insurgiu êle há pouco quando lhe deram ao neto de D. João III os estigmas que atribue ao heroi-tipo. Valha-nos, pois S. Sebastião!... O que vai além do possível é comparar Aljubarrota a uma Alcácer-Kibir afortunada! Aljubarrota, que foi a a única solução porque — diz Oliveira Martins — ou se havia de jogar tudo numa cartada ou tudo estava perdido, onde pairavam as manhas, a perspicácia e o sangue frio de Nun'Alvares, mandando espionar os castelhanos e fazendo constar o contrário do que fóra observado, para incutir ânimo à hoste, estudando e escolhendo o local da batalha com uma sciencia firme e reflectida de tal forma que a retirada e a fuga eram impossíveis, onde tudo estava disposto obedecendo a um plano previamente traçado! Basta comparar isto com « qualquer » discrição da batalha de Africa para se concluir que o sr. Antero de Figueiredo vai, numa breve edição, tirar o Condestavel da categoria de heroi. Sobre o caso do Marne já os técnicos disseram o contrário do que o sr. Antero de Figueiredo proclama e ninguém os rebateu. D. Sebastião, é humano, nem podia deixar de ser. A desumanidade está em o oferecer como modelo a uma geração de novos, tomá-lo como simbolo nacional, pô-lo no altar onde os modernos reconstrutores da pátria irão queimar a cêra a que até os ruins defuntos têm direito.

Houve excessos no ataque? É provavel e explica-se. O que se não explica são as lóas a um homem que fez o que fez, diz Leitão de Andrade, « pelo desordenado desejo de glória mundana, sem outro fundamento forçoso nem razão urgente », contra o parecer de todos os sensatos, insultando e atropelando. E por fim, excluída a hipótese da mentira dos documentos ou da mentira do sr. Antero de Figueiredo, só por uma ultra-vibração estética e uma hiper-fantasia é que se pode chamar a D. Sebastião o que lhe chama. Já agora e para terminar, mais uma citação sobre o aspecto literário do livro e do artista: «...perpassa um fio de puro artifício, certa rebusca amaneirada no assunto e na sua forma, emfim um excesso de *literatura* por tóda a obra deste autor (que tem um estilo de vocabulário e não de sintaxe) para que o tomemos como norma de arte vernacular ». São palavras do sr. António Sérgio e se tivéssemos receio do que possam dizer ousaríamos invocar a autoridade científica do seu nome. Mas não, e se nos rocorremos dos factos e buscamos às coisas fundamento aceitavel foi por ver quão desacreditada e gasta vai a estar a fantasia e a estética pelo uso imoderado e impróprio que em nossos dias lhe dão certos autores.

M. C.

(Conclue no próximo número com a apreciação do "Desejado").

número  
5  
série  
2

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

Afonso Duarte — Alberto Van Hoërre de Teles Machado — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Vitorino Nemésio.

Número avulso 1\$50; Série de 3 números 4\$50. Redacção: R. dos Coutinhos, 3

Coimbra  
15  
dezembro  
1924



“tríptico”

TELES MACHADO  
“DESENHO”